

15 de Janeiro de 2012 · [Epistemologia](#)

Sexto Empírico

Charlotte Stough

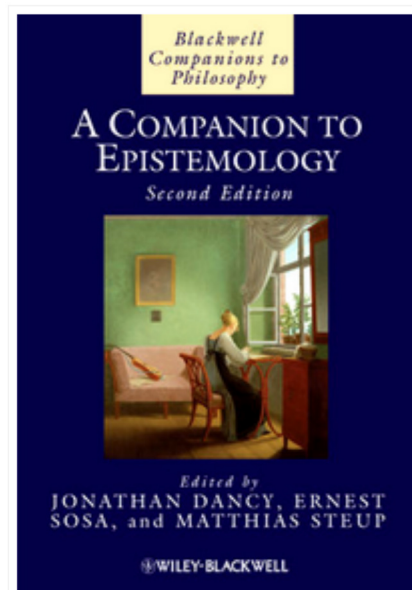
Tradução de Jaimir Conte

Universidade Federal de Santa Catarina

Sexto Empírico foi um cético grego da escola pirrônica e um médico clínico que viveu provavelmente durante o final do século II d.C. As datas exatas são controversas e os detalhes de sua vida praticamente desconhecidos; contudo, é a fonte mais importante de nosso conhecimento das filosofias céticas gregas antigas. As obras que nos chegaram são as *Hipotiposes Pirrônicas*, em três livros, que nos fornecem o relato positivo do próprio Sexto sobre o ceticismo pirrônico, e uma extensa obra em onze livros, geralmente referida coletivamente como *Contra os Matemáticos*. Esta contém muito material semelhante ao encontrado nas *Hipotiposes*, mas também fornece argumentos céticos adicionais contra os filósofos dogmáticos, bem como valiosa informação sobre as principais escolas filosóficas do período Helenístico. Parece que pouco do material filosófico dos escritos de Sexto é originalmente seu. Sabemos, por exemplo, que se valeu livremente do pensamento dos primeiros céticos pirrônicos, especialmente de Enesidemo, do primeiro século a.C.

Sexto descreve o ceticismo como uma “filosofia” e um “modo de vida”, identificando igualmente uma componente teórica e uma prática, antiteórica, no ceticismo pirrônico. A aparência de paradoxo é natural, pois o cético emprega o raciocínio teórico a fim de acabar por rejeitá-lo. O cético é um “investigador” acerca da verdade, mas, diferentemente de outros filósofos que Sexto classifica como dogmáticos ou como Acadêmicos, não alega ter descoberto a verdade nem diz que esta não pode ser descoberta (H.P., I 3-4). O cético pirrônico, *qua* filósofo, simplesmente continua a investigar. O próprio Sexto vai além do papel de investigador ao apresentar uma abordagem teórica positiva e muitíssimo sofisticada do ceticismo como um modo de vida em que a dimensão prática do ceticismo pirrônico permanece uma de suas mais importantes e distintivas características (Stough, 1984). A argumentação cética sempre tem um objetivo prático. Sexto compara os argumentos dos céticos com um remédio destinado a curar uma doença filosófica peculiar, característica dos dogmáticos, que audaciosamente e acriticamente formulam teorias sobre como as coisas realmente são (H.P. III 280-1). A estratégia cética destina-se a curar esta inclinação patológica e, na verdade, quando adequadamente entendidos, os seus próprios argumentos refutam-se a si mesmos juntamente com tudo o resto. Os escritos de Sexto contêm argumentos elaborados e extensos que foram empregados contra todos os filósofos dogmáticos, mas principalmente contra os estoicos que defenderam de maneira vigorosa um critério de verdade como o fundamento de seu sistema filosófico.

O próprio cético, diz Sexto, inicialmente procurou determinar a verdade ou falsidade de suas impressões das coisas, num esforço para alcançar a *ataraxia*, o tranqüilo e imperturbável estado de espírito proposto como o fim (*telos*) do ceticismo. Mas, em vez disso, viu-se confrontado com aparências contraditórias e argumentos de igual peso e credibilidade. Incapaz de decidir entre eles, adotou uma atitude neutra, suspendendo o juízo sobre sua verdade ou falsidade (*epoché*), e encontrou “como que por acaso” que a *ataraxia* acompanhava a suspensão “como uma sombra acompanha seu objeto” (H.P. I, 26). A narrativa de Sexto nos fornece um modelo para o método cético. O ceticismo é definido como a capacidade para produzir oposições entre aparências e juízos “seja de que maneira for”, como um meio de facilitar a atitude de não comprometimento, de nem afirmar nem negar coisa alguma (H.P. I, 8). Os céticos procuram contrabalançar entre si as alegações antagônicas dos dogmáticos. Ao fazê-lo não



encontram “qualquer razão a mais” para preferir uma a outra. Os argumentos em apoio das teorias rivais são igualmente fortes, portanto igualmente persuasivos. Os pirrônicos, por conseguinte, suspendem o juízo, sem tomar qualquer posição sobre qual é verdadeira ou falsa.

Característico do método cético são os “modos” (*tropoi*) do ceticismo pirrônico preservados pelos escritos de Sexto. Os modos céticos são modelos de argumentos destinados a induzir a suspensão do juízo. Os mais conhecidos dos vários diferentes grupos de modos são os Dez Modos da *Epoché* atribuídos a Enesidemo, os quais são desenvolvidos extensamente no primeiro livro das *Hipotiposes Pirrônicas* de Sexto Empírico. Cada modo faz um uso particular do fato de que as coisas nos “parecem” diferentes em diferentes situações. A maneira como algo parece (gosto, cheiro, sensação, etc.) é determinado por dez fatores delineados pelos modos, como as condições que afetam o sujeito e o objeto, e as circunstâncias em que o objeto aparece. Estas variações são invocadas para produzir “oposições”, que são expressas em proposições que geralmente atribuem aparências (propriedades) incompatíveis a um objeto. O cético alega então haver *isostenia* de aparências e acaba por suspender o juízo sobre como as coisas realmente são. Esquemáticamente, o argumento é mais ou menos o seguinte (modificação de Annas e Barnes, 1985):

1. X parece F numa situação S1.
2. x parece F' numa situação S2.
3. Não temos qualquer critério (ou prova) independente de S1 e S2 para ajuizar entre F e F'.
4. Não podemos afirmar nem negar que x é realmente F ou F'.

F e F' representam oposições de aparências, predicados que na visão dos céuticos não podem aplicar-se conjuntamente a um objeto. Num modo, S1 e S2 variam nas posições ocupadas pelo observador. O mesmo barco parece pequeno e parado quando visto à distância, mas grande e em movimento de perto. Outro modo nota os efeitos das várias circunstâncias ou condições nas quais o sujeito pode se encontrar quando um objeto é percebido. O ar que parece frio a uma pessoa velha parece brando a um jovem. Além disso, os modos apelam para as diferenças entre os sentidos, diferenças na quantidade e composição de um objeto, o efeito das misturas, o efeito da relatividade, e inúmeros outros fatores que influenciam a maneira como as coisas nos aparecem. Dado que as oposições são igualmente equilibradas, as aparências são igualmente dignas de crédito. O cético, portanto, abstém-se de assentir, e nem afirma nem nega que x é realmente F ou F'.

Como uma consequência da suspensão do juízo sobre como as coisas realmente são (todas estas questões sendo “não-evidentes” (*adela*) de acordo com Sexto), o cético não mantém qualquer crença verdadeira ou falsa. Sexto insiste, contudo, em resposta às críticas, que o cético não fica reduzido à inatividade, nem é forçado à inconsistência, devido à sua neutralidade em relação à crença (Frede, 1979; Burnyeat, 1980). O cético pirrônico dá assentimento às suas impressões das coisas e segue as aparências como um critério para agir na vida comum. Embora não sustente qualquer crença, e não faça qualquer asserção sobre o que é ou não é assim ou assado, nunca questiona o fato de as coisas aparecerem desta ou daquela maneira. O seu discurso, que se limita apenas a registrar como as coisas lhe aparecem, tem funções expressivas e reguladoras referentes apenas à ação (Stough, 1984). Sexto sustenta que o cético pode seguir as aparências como um critério prático para os assuntos cotidianos, sem se comprometer com quaisquer crenças ou afirmações sobre o que realmente ocorre.

Charlotte Stough

Retirado de Jonathan Dancy e Ernest Sosa (org.) *A Companion to Epistemology* (Oxford: Blackwell, 1997, pp. 475-477).

Obras

- *Opera*. 3 vols (Leipzig: Teubner, 1912-54). Vols I, 2, ed. H. Mutschmann (1912-14); vol. 3, ed. J. Mau (Indices, K. Janacek) (1954).
- *Works*, 4 vols trad. R.G. Bury, Loeb Classical Library (London: William Heinemann, 1933-49): vol. 1, *Outlines of Pyrrhonism* (1933); vol. 2, *Against the Mathematicians* (1935); vol 3, *Against the*

Physicists; Against the Ethicists (1936); vol. 4, *Against the Professors* (1949).

Bibliografia

- Annas, J. and Barnes, J.: *The Modes of Scepticism* (Cambridge: Cambridge University Press, 1985).
- Barnes, J.: “The beliefs of a Pyrrhonist”, *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 29 (1982), 1-29 e *Elenchos* 4 (1983), 5-43.
- Brochard, V.: *Les Sceptiques grecs* (Paris: F. Alcan, 1887); 2ª ed. reimpressão (Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1959).
- Burnyeat, M.: “Can the sceptic live his scepticism?”, in *Doubt and Dogmatism*. M. Scho-Field, M. Burnyeat e J. Barnes (ed.) (Oxford: Clarendon Press, 1980), 20-53.
- Frede, M.: “Des sceptikers Meinungen”, *Neue Hefte für Philosophie* 15/16 (1979), 102-29.
- Long, A.: “Sextus Empiricus on the criterion of truth”, *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 25 (1978), 35-49.
- Stough, C.: *Greek Scepticism* (Berkeley: University of California Press, 1969).
- Stough, C.: “Sextus Empiricus on non-assertion”, *Phronesis* 29 (1984), 137-64.
- Stough, C.: “Knowledge and belief”. *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 5 (1987), 217- 34.
- Striker, G.: “The ten tropes of Aenesidemus”, in *The Sceptical Tradition*. M. Burnyeat (ed.) (Berkeley: University of California Press, 1983)- 95-115

[Termos de utilização](http://criticanarede.com/termos.html): <http://criticanarede.com/termos.html>

Não reproduza sem citar a fonte